

"SOBRADINHO PARECIA UMA GRANDE FAZENDA"

Quando a filha do casal crescer um pouco mais, Lucilene vai retomar os estudos, que largou na 7ª série.

Ele também quer voltar a estudar. Abandonou os livros quando concluiu o 1º grau. Mas sabe que não fez um bom negócio. "Preciso ter mais formação. Se o Rubão precisar me entregar o bar durante algum tempo, quero estar bem preparado para fazer um bom serviço", afirma o balconista. Ele trata o patrão como se fosse um pai.

O lazer de Carlinhos é jogar futebol com os amigos num campo alugado do Centro Esportivo Tuny Matos — ali mesmo, em Sobradinho. Gasta R\$ 14 por mês na diversão e não se arrepende. "Já ouvi dizer que vão subir a mensalidade para R\$ 20", reclama. Ele joga em qualquer posição, menos como goleiro.

O balconista também gosta de comer a carne de sol do Getúlio, um dos comerciantes mais antigos da feira de Sobradinho. O restaurante serve outras iguarias do cardápio nordestino — como buchada, sarapatel, panelada, sarrabulho, mão-de-vaca e cabeça-de-boi. Tudo sob a supervisão atenta do *maître* Getúlio.

A última vez que Carlinhos esteve lá foi há duas semanas. Não que não quisesse ter estado antes: "É que estou trabalhando muito e não tenho tempo", diz.

Segundo o balconista, o churrasco é a principal pedida da clientela. A carne de primeira chega toda segunda-feira. Vem de um frigorífico ali mesmo de Sobradinho.

O balconista interrompe a conversa por um instante. Abre um sorriso solícito e se dirige ao cliente que chegou no balcão:

— Pois não?
— Me dá aí a última latinha.

SUJEIRA JOGADA NOS CÓRREGOS CHOCAR FEIRANTE QUE CRESCIU NA CIDADE

O cliente que pede a última latinha a Carlinhos no Bar do Rubão é GLAILSON Guedes Capucho. A meninice dele foi toda em Sobradinho. Tirou caju do pé, colheu jatobá, araticum e cagaita. Tomou banho de córrego, caçou codorna e perdiz. Passeou de bicicleta e andou até onde a vista alcança. Pescou piaba no rio Sobradinho e afundou canoa no lago Paranoá. Teve infância feliz.

Glailson chegou em Sobradinho em 1968,



HOMEM DE CONFIANÇA DO PATRÃO, O BALCONISTA CARLINHOS DORME EM APARTAMENTO QUE FICA EM CIMA DO BAR. ELE QUER VOLTAR A ESTUDAR

aos oito anos de idade. E tudo era diferente: a cidade mais parecia uma grande fazenda. Com uma turma de amigos, ele cansou de ir a pé até o Lago Norte. "Esses morros aqui? Já percorri todos", lembra.

Mas daquele tempo só traz mesmos lembranças. "A **POLUIÇÃO** é grande. Não sobrou nada. Fui levar meus filhos para conhecer o Córrego do Torto e fiquei triste: tinha carcaça de rádio, vidro, lata e garrafa, tudo jogado", lamenta. Levou as crianças para o Córrego de Sobradinho e assombrou-se com o assoreamento.

Hoje, Glailson não tem tempo de bater pernas pelos campos de Sobradinho. Ele vende sanduíches num carrinho de reboque pelas ruas asfaltadas da cidade. A especialidade da

casa é cachorro-quente, mas se o cliente quiser também sai hambúrguer, x-salada e x-tudo. Qualquer um a R\$ 1. "No domingo, vendo uns 100 sanduíches. Nos dias da semana, vendo 50. Dá para ir vivendo".

Antes de investir no ramo de alimentações, Glailson era feirante na quadra central da cidade. Vendeu acessórios para celular até a Administração Regional tirar todos os camelôs de lá. "A gente foi transferido para a feira de Sobradinho em outubro", diz.

Os ambulantes reclamaram da mudança. "A população não está acostumada a ir naquela feira. A quadra central era melhor, porque era perto do setor bancário, do fórum, do hospital e da administração. Todo mundo passava por lá."

Glailson ganhou um espaço na feira, mas já

não quer vender acessórios para celular. Vai investir tudo na venda de lanches e bebidas. Na semana passada, começou a construir a lojinha de quatro metros quadrados onde vai montar o próprio negócio.

A feira de Sobradinho tem 306 vendedores. É uma multidão de gente espalhada em uma área suja, descoberta e mal-iluminada. "A gente está organizando uma associação para garantir melhorias", afirma Glailson.

Para se eleger presidente da entidade, ele espera contar com o apoio da raizera Carmosina — a feirante mais antiga do lugar. Glailson foi até a lojinha da mulher, mas ela não estava lá. Foi a filha dela quem explicou:

— Minha mãe ficou em casa. Tá de cama. Pegou uma gripe danada.



GLAILSON CAPUCHO CHEGOU EM SOBRADINHO EM 1968, QUANDO TINHA OITO ANOS. HOJE, VENDE SANDUÍCHES NUM CARRINHO DE REBOQUE PELAS RUAS DA CIDADE

COMO PRESERVAR

Organizações não-governamentais (ONGs), associações comunitárias e órgãos públicos estão atuando, no DF, contra a destruição ambiental. Veja alguns exemplos.

Recuperação de matas ciliares

Universidade de Brasília (UnB), Embrapa, e Ministério do Meio Ambiente fazem parceria desde 1998, para plantio de mudas de espécies nativas. O projeto está cadastrando interessados. Ver site www.cpac.embrapa.br

Mutirões de limpeza e educação ambiental

Fórum das ONGs Ambientalistas do DF e Entorno e Funatura: fone 274-5449 ou www.ambiente.org.br.

Bacia Hidrográfica do Lago Paranoá

Representantes da sociedade civil atuam para proteger o patrimônio ambiental do Paranoá, atingido pela expansão urbana. Site: cbh-paranoa@egroups.com